

RESENHA

Sobre o comportamento de “enrolar”

About chatter behavior

Sílvio Paulo Botomé

Universidade Federal de Santa Catarina

Frankfurt, Harry G. (2005). *Sobre falar merda*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca. 68 p.

“Nunca conte uma mentira se você pode conseguir as coisas falando merda.”
(Frankfurt, 2005, p. 51)

João Sayad escreveu uma coluna na Folha de S. Paulo (26.12.2005) que intitulou de “*Bullshit*” e começa com o seguinte parágrafo: “‘*Bullshit*’ é menos do que uma mentira. Quem mente tem convicções sobre o que é verdade e esconde as convicções que tem. Quem fala ‘*bullshit*’ não mente, pois não tem convicções”. O autor da coluna vai examinar os discursos de “empulhação” de alguns dos políticos brasileiros. “Falar abobrinha”, “enrolar” são duas expressões que o autor considera quase sinônimas de “*bullshit*”. Não importa a variação com que o conceito possa ser denominado. O relevante é que se trata de uma modalidade de impostura que precisa ser melhor considerada por todos nas interações sociais que constituem suas vidas.

Numa reunião de professores, em uma universidade brasileira, um docente perdeu a paciência e, em um tom de voz mais alto do que costuma usar, disse: “Ao falar, cada um precisa considerar que os ouvidos dos outros não são penicos”. Talvez ele não soubesse que já havia um livro que esteve em primeiro lugar na lista dos mais vendidos do New York Times com o nome “Sobre falar merda”. Certamente o professor não sabia que, menos de dois meses depois, João Sayad escreveria um artigo na folha de S. Paulo sob o título de “*Bullshit*”. Nos dois casos, o livro de Harry G. Frankfurt e o artigo de João Sayad, há um exame sério e cuidadoso de uma modalidade de “mentira”, de “embuste” ou de “impostura”: o discurso que não diz nada. Só faz barulho e engana (ou distrai) os ouvintes (ou leitores) tomando-lhes tempo com generalidades

vazias, expressões que não indicam nada de importante para orientar o pensamento ou qualquer outra forma de ação. Os dois textos se desenvolvem na mesma direção de exame que os livros de Sokal e Bricmont (1999), de Santos (2000) e de Pracontal (2004): uma denúncia e uma avaliação dos processos de impostura intelectual.

Harry G. Frankfurt examina as várias nuances ou modalidades de embuste intelectual, em graus variados de consciência do embusteiro e de eficácia sobre suas vítimas. A mentira, ou aproximação dela, presente no tipo de discurso que o autor examina, também tem doses de pretensão ou presunção, mas não se confunde ou reduz à mentira. É, mais do que tudo, não um discurso sobre algo, mas um discurso para distrair dos próprios pensamentos, sentimentos, disposições ou objetivos do autor. Seus exemplos e o tom coloquial mostram com riqueza e síntese o que está exposto em grande extensão em outras obras. Em pouco mais de 60 meias páginas (o tamanho do livro é de 11x16 cm) o autor envolve e mostra com o rigor de um filósofo o exame do que é popularmente chamado por “falação” que substitui a expressão mais chula mais vulgar “falar merda”. Não falar a palavra, mas falar o que corresponde a inutilidades verbais.

“Discurso sem propósito” não é uma expressão apropriada para esse tipo de discurso. Segundo o autor, “papo furado” pode ter um propósito. “Falar besteira”, “blefar”, “dizer o que não pode ser verificado ou avaliado” são equivalentes, embora sejam aspectos ainda parciais do que o autor chama de “falar merda”.

Para um psicólogo, o texto é uma boa fonte para examinar um tipo de comportamento das classes de fuga ou de esquiva. Ou uma forma de encobrir algo indesejável. Mesmo que seja a incapacidade de dizer algo com algum significado, de algum valor para construir uma interação proveitosa. O texto, apesar do título que pode criar uma má impressão pela expressão chula que contém ou, com mais tolerância, pela vulgaridade que pode aparentar, é uma contribuição para o exame de uma dimensão específica do comportamento verbal: quando ele serve como fuga ou de esquiva de exigências maiores do que fazer barulho e distrair o interlocutor.

Se alguém ainda tiver dúvida, o tamanho do livro (pode ser lido em menos de duas horas) é pequeno e seu preço é barato. Ele, sem dúvida, distrai e informa sobre algo que talvez todos façamos um pouco: falar besteira, quando não temos algo de substancial a dizer ou quando precisamos enganar um pouco (ou quando alguém precisa enganar muito!). Apesar de ser obra de um professor emérito de Filosofia na Princeton University, o texto é muito fácil de ler e entender um tipo de exame mais difícil de ser lido e entendido em outras obras.

Voltando a João Sayad, ele encerra sua coluna na Folha de São Paulo referindo-se às eleições do ano seguinte: “Vai ganhar o candidato que falar mais ‘bullshit’, que enrolar mais ou falar mais abobrinha.

Não desanime. É apenas estratégia eleitoral. Quando ganhar, poderá fazer qualquer coisa ou o que for possível fazer. Isso, sim, deve deixá-lo preocupado”. O professor Harry G. Frankfurt provavelmente concordará com João Sayad. O que têm os psicólogos a dizer sobre esse tipo de discurso? Talvez o livro de Frankfurt possa ser uma contribuição para aperfeiçoar a análise de um tipo de comportamento humano que se tornou muito disseminado nos anos que já avançam, em tempo talvez não em desenvolvimento, para o século XXI.

REFERÊNCIAS

- Frankfurt, H. G. (2005). *Sobre falar merda*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda.
- Pracontal, M. (2004). *A impostura científica em dez lições*. São Paulo: Editora da Unesp.
- Santos, B. S. (2000). *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez Editora.
- Sayad, J. (2005, 16 de dezembro). “Bullshit”. *Folha de S. Paulo*, p. A2.
- Sokal, A. & Bricmont, J. (1999). *Imposturas intelectuais*. Rio de Janeiro: Record.

Recebido: 10/11/2005

Revisado: 06/04/2006

Aceito: 20/04/2006

Sobre o autor da resenha:

Sílvio Paulo Botomé: Professor Doutor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço eletrônico: botome@cfh.ufsc.br
